

**Razão e Ciência: o impasse cartesiano**

Pedro Bertolino  
Professor da UFSC  
Antrpologia Filosófica  
(Aposentado)

*“A razão triunfante se dá à pretensão de substituir o mundo vivido com sua incoerência, sua opacidade, seus matizes passionais pelo universo inteligível do discurso. Aí, o real em todos os seus domínios tem que ceder ao verdadeiro, para que se imponha a decadência das fábulas, a recusa da afetividade e a desconfiança sistemática da relação com o sensível. O espírito já não se pode apoiar se não em si mesmo: e o racionalismo se sonha na posse de uma verdade que só é verdadeira para si própria”. (Gusdorf: 1960: 179)*

*As emoções sempre constituíram ocorrências quotidianas, comuns a todos os humanos que, entre outras coisas, somos “um-ser-que-se-emociona”. Depois de vinte séculos de civilização ocidental, deveriam corresponder a um fenômeno plenamente esclarecido, com que conseguíssemos conviver sem embaraços. Mas, tanto não acontece infelizmente: ainda estamos privados desse conforto que os avanços da ciência moderna nos deveriam ter proporcionado. Que é que está acontecendo?*

*Temos por considerar de saída que uma coisa é a convivência simplesmente empírica com um fenômeno e bem outra, a concepção de uma racionalidade conveniente ou adequada para mediar nossa relação com ele. Os frutos das macieiras sempre estiveram prontos para despencar sobre a cabeça de todo aquele que se pusesse descuidado à sombra delas. Mas, somente Newton, quando envolvido num episódio tão rotineiro, foi conceber a “Gravitação Universal”, como sabemos. É que a ciência implica iniciativas humanas, trabalho na teoria e na prática. A simples constatação dos acontecimentos, mesmo uma relação imediata ou*

*privilegiada com eles, como no caso das emoções, não é suficiente para que tenhamos um conhecimento objetivo dos mesmos, científico se fica melhor dito. Os eclipses e as tempestades jamais fizeram a Astronomia descer dos céus aos homens, assim como o orvalho nunca nos trouxe a Botânica, escorrendo com ele das folhas das plantas em misteriosa manhã. Tais fenômenos, ao lado de quaisquer outros, também jamais mostraram a propriedade mágica de acender uma “Lâmpada de Aladin” na cabeça de algum observador desprevenido, proporcionando-lhe por iluminação uma teoria científica.*

*Esse foi, entretanto, o sonho primordial dos gregos, quando assimilaram a essência da mitologia oriental no seu racionalismo, não fazendo o caminho da ciência na acepção experimental do termo, além de inviabilizar toda inteligibilidade do mundo e do homem aonde ela tivesse direitos de cidadania epistemológica. Deixaram levar-se pelo animismo do oriente, segundo o qual certa “anima mundi” realizaria o homem perfeito, tanto quanto as azeitonas e as uvas: reduzindo o universo a um divertimento de Brahma. (Xavier:1972:15) Entraram numa “folie” iniciada por religiosos vedas havia mais ou menos três milênios e meio: quando se reuniram para a depuração de idéias pelo diálogo, inaugurando o método racional, na crença de que Brahma assumiria a presidência e encerraria as sessões, revelando-se puras astúcias transnaturais ou a natureza em carne e osso. (Xavier:1972:10/13) Eram Os Upanichadas, antecipando a pedagogia e a dialética platônicas, onde também se acreditava que uma vez subidas as escarpas da caverna republicana, ter-se-ia transcendido o mundo das sombras e das opiniões, alcançando iluminação divina. Mas, os estóicos é que levaram às últimas conseqüências todo aquele masoquismo racionalista.*

*Esses também chamados filósofos do pórtico pintado, por se reunirem junto ao “stoá poikile”, aonde a tirania dos trinta havia executado mais de mil e quatrocentos cidadãos (Brun:1986:19) estiveram insuperáveis quando levaram a sério os desdobramentos antropológicos ou morais do mito da razão universal, que faz do universo “uma sociedade de Deuses e homens: “urbis Dis hominibusque communis.”(Cassirer:1972:164) Depois, nenhuma filosofia ocidental conseguiu deslocar-se para territórios que já não estivessem ao alcance do horizonte de possibilidades humanas delineado por eles. “A doutrina estóica foi, ao lado da aristotélica, a que exerceu maior influência na história do pensamento ocidental. Muitos dos seus fundamentos*

***enunciados constituem parte integrante de doutrinas modernas e contemporâneas***". (Abbagnano: 1970:365)".

*Verdade que os fundadores da Escola e seus discípulos não foram além de articular ressonâncias orientais milenares já nas raízes da cultura grega. Mas, suas intuições básicas jamais deixariam de matizar os trilhos sobre os quais nossa civilização deslizou, devido a implicações teóricas inevitáveis. O Estoicismo não poderia germinar noutra solo que o Racionalismo; e este, por sua vez, não encontraria como se haver com as questões morais sem concessões decisivas ao seu filho mais legítimo. Aonde um dava o tom, o outro sanfonava zeloso e submisso, porque ambos subsistiam às custas de uma visão de mundo **"em que certa Razão universal, imanente ao Cosmos, ordenaria todas as coisas rumo a uma perfeição de que nem Deus poderia abdicar e face à qual só nos restaria subserviência humilde."** (Fraile:1965:611/2) Estaríamos engrenados numa totalidade absolutamente perfeita, com a garantia de realização plena do nosso Eu-puramente-racional, (Abbagnano:1970:306) devendo reinar acima de todas as emoções, imunes a qualquer comprometimento de ser na vida de relações de todos os dias, ontologicamente despojados da possibilidade de escolhas na existência concreta, da subjetividade efetiva ou conseqüente, enfim, da nossa singularidade humana. As atrações e repulsões tão correntes no cotidiano, as ameaças e provocações dos acontecimentos objetivos transcendentais somente perturbariam os ignorantes das astúcias da natureza toda-poderosa. **"O sábio dominaria sempre sua situação interior e, por conseqüência, sua conduta: não cedendo jamais aos impulsos ou emoções, de sorte a conformar toda sua vida às exigências da Razão."** (Mondolfo:1968:128)*

*Somente essa conformação proporcionaria aquilo a que eles designavam literalmente por saúde: concebida como imunidade a sofrimentos de qualquer ordem, que poderia ser prejudicada pelo enredamento de ser com o mundo transcendente das coisas e dos outros. Neste caso, procederíamos como crianças que se deixam levar por provocações da vida de relações, uma vez que não conhecem os perigos ali presentes, por não gozarem da sabedoria, sempre resultante de experiência pessoal. Dali é que proviriam todos os males, obviamente incompatíveis com a idéia de uma natureza absolutamente perfeita, mas procedente de nosso envolvimento no domínio das opiniões, conflitantes e equivocadas, de onde desdobravam as emoções, por sua vez, expressão de doenças intelectuais ou mentais, para uma linguagem de nossos dias.*

*(Brun:1986:83/4/5)Coisa, portanto, que atravessa nossa mentalidade por todos os flancos e lança seus desdobramentos por todos os cantos dela. Lixadas as rebarbas de discursos cúmplices, fazendo simples reservas de domínio em território de interesses e propriedade comuns, ao fundo das filosofias ocidentais, e como elemento de alicerce antropológico, deparamos invariavelmente com o “Eu-transcendental”: pura-razão voltada sobre si mesma. Ainda em 1800, só para não ficarmos já precipitados aos nossos dias de fim de segundo milênio, retomando a tese da Autoconsciência, Schelling chegava às escâncaras com esse transnaturalismo:*

**“A natureza alcança seu fim mais elevado, que é tornar-se objeto para si mesma, com a última e mais alta reflexão que nada mais é do que o homem ou aquilo a que chamamos Razão.” ( Abbagnano:1970:795)A serpente de Uroburos, que representava a fusão de tudo em Brahma para os hindus, (Santos:1963:VI:188) veio fazer “back ground” nisso, afogando-se com sua própria calda: para desenhar a circularidade tão essencial ao idealismo e, porconsequinte, à hermenêutica. Nem admira que Hegel viesse na seqüên-cia com mais argamassa para o lacre desse sepulcro em que encerraram o homem concreto com seus suores e suas dores, suas emoções enfim. Na Filosofia do Espírito, ele retomou lite-ralmente a noção estóica de saúde para caracterizar o gênio que escapa aos embaraços da singularidade sob privilégio da razão: “O sujeito, como sadio e reflexível, tem presente à consciência da totalidade ordenada do seu mundo individual, em cujo sistema *subsume* todo particular conteúdo que lhe venha da sensação, representação, apetite, tendência, etc., e o coloca no posto que lhe cabe racionalmente: é o gênio que domina estas particularidades.” ( Enc. § 408 ou Hegel: 1936: 3: 409 )**

*Óbvio que este deveria ser o homem concreto em seus esforços cotidianos, tentando tirar o melhor que conseguisse das suas possibilidades de ser num mundo transcendente ou material no sentido de hoje, implicando-se ontologicamente no processo histórico. Ai, seríamos sujeitos efetivos de nossas iniciativas com suas conseqüências gratificantes ou dolorosas, de nossas atitudes ou comportamentos, nossas escolhas, nossos destinos por fim. Mas, o filósofo de Iena preconizou que, se assim pensássemos, entraríamos no papel tolo de um cata-vento convencido de*

*girar por conta e riscos próprios, quando apenas não se apercebia do vento a movê-lo. Asseverou ainda que isto somente nos ocorreria caso não gozásemos da consciência de “sub-jectum”, com todo o cheiro Heideggeriano de “estado de jecto” (Sein und Zeit § 58 ou Heidegger:1951:309) ou, talvez mais claro, de projecto lançado na clareira do ser:*

**“O homem foi lançado pelo próprio Ser na Verdade do Ser, a fim de que, ec-sistindo nesse lançamento, guarde a Verdade do Ser; a fim de que, na luz do Ser, o ente apareça como o ente que é. Se e como o ente aparece, se e como Deus e os deuses, a história e a natureza ingressam, se apresentam e se ausentam da clareira do ser, isso não é o homem quem decide. O advento do ente repousa no destino do ser. Para o homem, a questão é, se ele encontra o que é destinado à sua essência, correspondente ao destino do ser. Pois, é de acordo com esse destino, que, como ec-sistente, ele tem de guardar a Verdade do Ser.” ( Heidegger: 1967:50/1)**

*A figura de um fantoche a serviço de um ventríloquo com poderes de astúcia absoluta, entretendo uma platéia desavisada à exceção dos privilegiados nos bastidores, faria bem a imagem que Hegel nos dá de todos os humanos. Faltaria apenas acrescentar que o tal ilusionista também simularia conflitar consigo próprio no interior de seu títtere, submetendo-o a não poder ignorar a brincadeira. Assim não esqueceríamos a “consciência de si” graças à qual a Razão entraria em contradição consigo dentro de nós, e o homem hegeliano estaria pronto para ser objeto da psicopatologia de Pinel, alvo de rasgados elogios na Filosofia do Espírito. Aonde se lê que*

**“Assim, uma paixão de ódio, etc., violenta, mesquinha no seu conteúdo, pode aparecer como uma alienação ou loucura. Ela contém essencialmente a contradição de um sentimento que se tornou corpóreo e existente, contra a totalidade das mediações que constitui a consciência concreta. Aí, o espírito está na sua consciência sem solução, está doente. O conteúdo que se libera, então, são as determinações egoístas do coração: a vaidade, o orgulho e as outras emoções ou imaginações, as esperanças, o amor e o ódio do sujeito”.**( Enc. § 408 ou Hegel: 1936:3: 409).

*Na continuação disso vem o esclarecimento de que essas coisas nos ocorrem quando o controle teórico ou moral se relaxa, os freios se soltam e a carruagem fica por conta dos cavalos: – como se o ventríloquo de inda há pouco perdesse o comando das pantomimas no interior do boneco com que se divertia. Mas, não se pense por isso que, então, contaríamos com pelo menos uma chance de ter as rédeas às mãos, mesmo que a única porta a se abrir por essa alternativa conduzisse à loucura como descontrole racional ou, dizendo para nossos dias, doença mental. Em Hegel, até nossas emoções mais secretas e nobres seriam todas instrumentos a serviço inexorável da “List der Vernunft” ou “Astúcia da Razão”, pela qual “Os indivíduos seriam sacrificados e abandonados, para Ela pagar o tributo da existência e da caducidade com as paixões deles: jamais do próprio bolso. Por exemplo, César deveria cumprir o que era necessário, abolindo a liberdade podre. Se a sua pessoa pereceu naquela luta, o que era necessário subsistiu e a Razão triunfou, subjacente às ocorrências de superfície.” (Hegel:1974:97).*

*Aquele Cônsul Romano que se pretendia descendente de Vênus, Imperador depois do primeiro triunvirato, a declarar “Veni, vide, vici”, teria era estado todo vendido na História. Enganara-se ao pensar que conduzia os acontecimentos quando transpôs o Rubicão afrontando ao senado e proclamando: “Alea faceta est”. Também não entendeu nada ao sentir inclusive o punhal de Brutus a serviço da conspiração dos aristocratas e exclamar: “Tu quoque, fili mi!” Só porque Hegel não se encontrava lá para esclarecê-lo de que uma soberana muito mais nariguda e ardilosa do que Cleópatra VII comandava tudo aquilo ao mesmo tempo em que as águas daquele março e que, “depois de usá-lo para seus fins trnsnaturais, iria abandoná-lo ao chão, como casca vazia”.(Hegel: 1974:93)*

*O filósofo até poderia caprichar na consulta e informar ao Imperador por antecipação, que Marco Antônio formaria o segundo triunvirato, conquistaria igualmente os amores daquela Rainha do Egito e que, no desfecho da derrota de seu derradeiro amante em Accio, ela far-se-ia envenenar por suas víboras, nas alturas dos anos 30 AC. Nós, por outro lado, poderíamos estar livres de toda essa “conversa para boi dormir”, caso Hegel fosse menos pretensioso e simplesmente nos recomendasse ao estudo da doutrina dos estóicos. Pois, todo o seu alarido em “Vorlesungen über die philosophie der Geschichte” não acrescentou nada à antropologia que eles preconizaram: – já desdobrando para uma*

*Filosofia da História em que a Razão devoraria aos homens concretos ou singulares como nozes ou amendoim, na prerrogativa de soberana absoluta do nosso ser histórico. (Hegel:1974:55) Era muito “mais velha do que a Salve Rainha,” aquela Cleópatra oitava ou transnatural que manipularia soberanos inadvertidos através dos séculos, inclusive as sete Rainhas do Egito que levaram aquele nome, contada a amante de César e Marco Antônio sucessivamente. A própria, “que usava as emoções humanas como seus braços”, (Hegel: 1974:82) já seduzira Parmênides pelos caminhos da Verdade Absoluta até o leito nupcial da nossa Metafísica, no qual os “Eus-Transcendentais” rolariam em orgasmos intersubjetivos, contemplando o “streeptease” virtual da soberana: só para eles.*

*Aquele gênio hegeliano, freqüentador contumaz dos Upanichadas do Ocidente, sempre esteve entre aqueles eleitos, realizando a saúde racional por privilégio. Fritz Perls, apenas, por exemplo, estava “on line” com ele, naquela sessão em que criticou a masturbação mental, recomendando coisas mais ousá-las aos casais, ao mesmo tempo em que preconizava o descompromisso absoluto com o outro, convidando-nos a brincar-de-ser numa gangorra de um lado só, com seu Credo Gestáltico: **“Eu sou eu, você é você. Faço minhas coisas, você as suas. Não estou aqui para suas expectativas. Se nos acertarmos será lindo. Caso contrário nada por fazer. Amém”**.(Perls: 1977:150)*

*Nem se entende bem porquê a poderosa senhora hegeliana, fazendo ponto para nossa história em todos os tempos, não colocou aquela oração no “script” de Hitler, que adoraria ter seu próprio credo ao invés de entrar de contrabando no dos outros, à maneira de Pilatos. O “Führer” não perderia jamais a oportunidade de recitá-la contrito todas as manhãs e de mandá-la imprimir como bula para o cianureto de porte obrigatório por seus generais, cujo exemplo mais puro Jaspers foi buscar no Sócrates que **“Vivendo na claridade da razão e no englobante de sua ignorância, seguiu imperturbável o seu caminho sem se deixar desviar pelas paixões da indignação, do ódio e da certeza de ter razão; não fez concessões algumas, não aproveitou a possibilidade de fuga e morreu de espírito sereno...”** (Jaspers: 1960:60)*

*Aliás, esse “tão humano” propositor da chamada psiquiatria compreensiva poderia ter ido mais longe no exemplificar a auto-estima como saúde em sua expressão máxima: – sendo melhor completo, deveria lembrar o próprio Zenão de Cício fundador do estoicismo, que também*

*praticou a solução final perante seus discípulos, em 263aC., consubstanciando sua doutrina que recomenda o suicídio face a condições concretas adversas quanto aos ideais do “si mesmo”. (Sciacca: II: 123/5) Por outro lado, parece sem dúvida que o mesmo psiquiatra, também dito filósofo, recomendaria os campos de concentração e o holocausto em nome da mesma ideologia que prescreveu internação para pacientes de “doença racional” ou mental, se quiserem. Pois, escreveu sem constrangimento que **“Sem poder estatal não é possível obter declaração de incapacidade alguma, nem a internação compulsória num estabelecimento. Em toda consulta médica existe uma situação de autoridade efetiva, reforçada pela clínica e por uma repartição. E ali aonde o fundamento não reside no poder do Estado, é necessário contar com a autoridade que se ganha mediante força da personalidade”**.(Jaspers: 1959:24) Isso ainda aparece numa separata Argentina de 1959, aprovada pelo autor no dezembro de 1954 desde Basiléia; (Jaspers: 1959:9), mas, no seu Psicopatologia Geral, de 1913, dez páginas depois de declarar que, em psiquiatria, **“doença é um conceito geral de demérito, de falta de valor, que abarca todos os deméritos possíveis”**, (Jaspers: 1951: II: 379) ele fazia as mesmas afirmações e na seqüência asseverava que tais pessoas **“podem ameaçar a ordem, ser um terror e funestos para seu ambiente. Há que se fazer algo com eles. (...) No interesse da sociedade, precisam ser mantidos ofendidos (...) retirados de vista: (...) para que os parentes estejam satisfeitos e a consciência pública tranqüila”**.(Jaspers: 1951: II: 390)*

Noutra parte, a justificativa do mesmo psiquiatra para isso veio expressa e Simone de Beauvoir o transcreveu em “O Pensamento de Direita, Hoje”: **“Não é o homem como exemplar da existência empírica que é digno de amor: é a nobreza possível no indivíduo”**.(Beauvoir: 1972:37) Então: o suicídio seria realização máxima da “auto-estima”, gesto heróico de fidelidade ao “si mesmo”, derradeiro triunfo da tal nobreza para ela própria. Em nome das astúcias da Razão, o homem-aranha estaria autorizado a devorar todos os insetos que apanhasse em suas teias e, na iminência da derrota para os aliados, vendo indescartável sua implicação ontológica com os outros e o mundo, salvaria seu “status de ens causa sui”, saindo pela morte: – ao amparo da mesma moral que prescrevera o holocausto.Nada menos comprometido com o nazismo do que Jaspers, muito mais empolgado com o “deixar fluir” e com o descompromisso ontológico do que Fritz Perls, tão hitlerista que imitava o Führer “até na forma do seu bigode, (Farias: 1988:30) Martin Heidegger já viera na mesma direção de todos eles: – pregando fidelidade ao ser-si-



*mesmo, no caso ariano, até o óbito em que, segundo ele, o homem” encontraria a possibilidade mais própria de sua existência.”Em 1927, no seu celebrado Ser & Tempo, perguntava e respondia, a propósito da possibilidade última para a qual seríamos convocados pela Razão ou o Ser”:*

**“Para que o homem é chamado? Para o seu próprio si mesmo. Não, portanto, para alguma coisa à qual o Ser-aqui, no ser-juntamente público, confira valor e urgência de possibilidade ou de fuga, e nem mesmo àquilo que ele aprendeu, a que se dedicou, de que se assenhorou. O homem, relacionado a si mesmo e aos outros no quadro da mundaneidade, é ultrapassado nesse chamamento”.(Sein und Zeit § 56 ou Heidegger: 1951:297 ou abbagnano: 1970:179) Esse molusco fechado em sua casca, aproveitando uma metáfora de Platão no Filebo, veio no papel do homem autêntico heideggeriano. Ali, todas as emoções foram descartadas para o domínio da existência inautêntica, própria dos que se moveriam anônimos a réis do chão, extraviados nos cuidados cotidianos vindos das necessidades próprias ou alheias, comprometidos com as coisas e os outros. Única exceção concedeu-se à angústia, que estaria subjacente a todas as demais situações afetivas e que conduziria o homem à compreensão de sua possibilidade última, isto é: seu ser-para-a-morte. (Sein und Zeit § 53 ou Heidegger: 1951:290)**

*Seria movido por ela, sentimento mais do que emoção, que o herói heideggeriano, “aquele que se escolheu a si mesmo” (Sein und Zeit § 58 ou Heidegger: 1951:313) e seus seguidores marchariam serenos pelos corredores da “solução final” para os judeus ou para si, conforme o caso, tal como o Sócrates de inda há pouco trazido à cena por Jaspers. Mas, diga-se a bem da verdade, tanto um quanto outro seguindo texto que lhes vinha de muito antes. Pois, Rodolfo Mondolfo, estudando a compreensão do sujeito na cultura antiga, encontrou o homem-aranha como modelo antropológico no Heráclito, a quem o retorno foi tão promissor para Heidegger: “No De anima de Crisipo, já reaparece a comparação que Heráclito fazia entre o homem e a aranha: este utilizando seus sentidos como aquela estende suas patas desde o centro de suas teias para os pontos periféricos, de sorte a digerir as moscas que tropeçam nos fios”.(Monfolfo: 1968:124)*

*Assim esse aracnídeo que espreita as coisas e os outros desde o interior de si mesmo, a fim de subsumi-los por sua antropofagia insaciável, foi o ideal de homem para todo o ocidente. Nem Aristóteles escapou dele, embora possa parecer estranho, quando consideramos sua pretensa e propalada divergência com o platonismo. Seu realismo gnoseológico insinuou conceder função decisiva aos sentidos no processo do conhecimento; criando expectativas de que arranjaría espaço para nossa imbricação de ser no sensível. Mas, foram coisas de superfície. Fiel ao mestre do Jardim de Academus e seu método racional, o macedônio foi conceber que a excelência do pensamento ocorreria quando ele tivesse por objeto a si próprio, isto é: se pensasse a si mesmo. (Aristóteles: 1969:264) Desembocou na pretensão de uma “epistemé” que, por princípio como a platônica, não poderia conter qualquer resquício da “doxa”: delegada ao domínio das sombras republicanas, da ignorância estoica ou da inautenticidade heideggeriana, nada diferentes entre si.*

*Como sempre aconteceu a todas as teorias do conhecimento, portanto, sem exceção alguma para as que se propuseram realistas ou se travestiram nas ditas filosofias da ciência de nossos dias, a gnoseologia de Aristóteles não conseguiu sustentar-se face à *Metafísica* e à *Moral*: – duas coisas que ademais divergem tanto quanto seis e meia dúzia. Reencontramos o homem do estoicismo também no centro do sistema aristotélico, outra vez, em sua papagaeira na ponta de um pau-de-sebo, inacessível aos outros ou quaisquer provocações de ordem sensível. Coisa a respeito de que a “*Ética a Nicômaco*” não deixou menor dúvida, quando fez apologia da auto-suficiência do Sábio em consequência de sua vida votada à Razão instalada nele, salientando depois que o Mesmo: “**não vive aquela vida como homem, mas enquanto certo quê de divino é insito nele; e de quanto isto é mais excelente do que o composto, de tanto igualmente a sua atividade é mais excelente do que aquela conforme as demais virtudes. Se, pois, o pensamento em confronto com o homem é coisa divina, também a vida que existe, segundo o pensamento, em confronto com a humana, é vida divina**”.(Ect. Nic.X, 2,1178<sup>a</sup> ou Aristóteles: 1959:170).*

*Vem logo a tentação para nos apressarmos na advertência de que se está confundindo juízo de valor com juízo de verdade, questões de conduta com problemas de conhecimento, Ontologia com Moral. Mas, a atenção para isto nos levaria a uma emenda muito pior do que o soneto: – fazendo-nos ver que toda antropologia decorrente do racionalismo*

*ocidental sempre se nutriu de uma ética com hegemonia absoluta sobre tudo o mais que se pudesse considerar como uma disciplina filosófica. Os estóicos, por sinal, também não deixaram de atribuir certa função aos sentidos, quando lhes impuseram a tarefa de buscar mensagens no exterior, para um rei que exerceria julgamento soberano sobre elas e eles, devendo satisfações somente a si próprio. ( Monfolfo: 1968:126/7) No uso ou abuso desse privilégio de monarca absoluto, conferido e garantido pelo mito da razão, ele teria plenos poderes, por exemplo, para decidir a respeito da veracidade ou falsidade da constatação química de que uma molécula de água comum está constituída de H<sup>2</sup>O, como outra, de oxigenada, vem sempre composta por dois oxigênios e dois hidrogênios.*

*E o pior é que essa ditadura do “si mesmo” não ficou lá pelos velhos tempos, nem pelos manuais filosóficos. Encontramos com bastante frequência, o hegemônico do estoicismo incorporado por universitários hodiernos, os quais se arrogam prerrogativas para decidir a respeito da procedência de verdades científicas básicas, como as que referimos e muitas outras. Depois de tantas verificações experimentais, cruzamentos teóricos ou desdobramentos tecnológicos que fizeram a história da ciência em nosso século vinte, ainda recorrem ao infinito e apostam num juízo final em que a soberana Cleópatra oitava prolatará sentença a favor deles. Foram mutilados pelo positivismo lógico, a hermenêutica e outras coisas do gênero filosófico, a ponto de ficarem invalidados para compreender a possibilidade de mais de um modo de produção de racionalidades ou admitir a irrevogabilidade de conhecimentos científicos elementares até. Não sabem que esse engodo todo começou quando Zenão de Cício, já dito fundador do estoicismo, foi bater com os costados nas praias gregas, depois de naufragar com um carregamento de púrpura: contra-bando na certa. (Brun: 1986:16) Desde então Sofia, assim posta na boca do povo hoje, jamais quis saber do que acontecesse no exterior dela. Trancou-se na imanência e, mais tarde, se aconventou.*

*Por volta dos séculos dezesseis e dezessete, o conhecimento científico nascente andou rondando o claustro, animado com a idéia de possível namoro ou amizade. Mas, serviçais que não trabalhavam para o Sílvio Santos, e muito zelosos pela pureza íntima da moça, desdobraram-se em esforços para evitar que o jovem pretendente a seduzisse com relatos do que andava descobrindo a respeito de luas em outros planetas, movimentos da terra e várias coisas do nosso mundo cá de fora. A Santa Inquisição, toda empenhada na causa, patrocinou o exercício de*

*patrulhamento no horizonte ideológico do Cardeal Richelieu com sua “politique de la man tendue”, articulando concurso dos irmãos separados, cumplicidade de muitos credos: gatos e lebres num saco só, “snake-pit” naquela França efervescente do século dezessete. O frentão saiu com vistas a consolidar o Estado Moderno em sua ordem absolutista, reunificar o Sacro Império Romano do Ocidente e, sobretudo, manter os meios intelectuais sob curatela. Porque, na base de tudo aquilo, os homens sabiam, estava a proliferação dos “sábios de laboratório”, as ciências experimentais tendendo decisivas para se fazerem disciplinas independentes ou profanas, abrindo fosso intransponível entre elas e a mentalidade clerical. (Huisman: 1989:21)*

*Tratava-se de manter a hegemonia absoluta do pensamento religioso na determinação das coordenadas do paradigma cultural, arranjando a humanidade do ocidente num só rebanho sob comando de um pastor comum que, entretanto, já não poderia ser o Papa nem residir em Roma, devido às circunstâncias históricas irreversíveis. Havia que se desprezar aos anéis para salvar os dedos, transferindo o cajado da fé para poderes capazes de contemplar sutilmente diversos matizes de cristianismo, até do misticismo em geral. Foi aí que Descartes ascendeu à posição de homem indicado para ensinar o caminho das pedras às metafísicas, em polvorosa com o nascimento da Ciência Moderna: **“Concebi uma filosofia” disse ele a Burman, “de maneira que pudesse ser recebida em todo lugar, mesmo entre os turcos, sem ofender a ninguém”.** **A universalidade que a ideologia medieval queria obter pela catolicidade da fé cristã, Descartes pensava encontrá-la mediante o apelo ao “bom senso”.** ( Granger: 1987:I:21) Estava tomando partido numa briga de sacristias que rolava desde o século treze, quando Tomás de Aquino contrabandeou Aristóteles para dentro do cristianismo, forçando os agostinianos a se recolherem para os bastidores. Aquele entrevero, tão apimentado com “invidia clericalis”, não conseguira sepultar o pensamento platônico de vez. Com o descrédito da cosmologia aristotélica, os séculos quinze e dezesseis viam o renascimento decisivo do platonismo na Europa meridional. Tivemos a fundação da Academia de Florença sob patrocínio dos Médici, a interpretação matemática do mundo por João Pico della Mirândolla; — e, muito mais importante, o engajamento da Universidade de Bolonha com Domínico Maria de Navara que, lecionando matemática e astronomia, criticava sabidamente o sistema ptolomaico, havendo sido inclusive “professor e amigo de Copérnico durante os seis anos de sua permanência na Itália”. (Burt: 1991: 42)*

*Esse pano-de-fundo-histórico posto, os homens do Santo Ofício marcando as deixas que lhes convinham para as falas subseqüentes, quando chegou à hora e a vez de Descartes, restava-lhe apenas fazer o “Zé do Araguaia” naquela novela em que um “Rei do Gado” jamais poderia reaparecer. O papel lhe foi proposto pelo Cardeal Pedro de Bérulle, “fundador de um centro de misticismo agostiniano e neoplatonizante” (Fraile: 1966:555) chamado “Oratório” que, considerando o alcance do “inventum mirabile” cartesiano, pretensamente capaz de submeter todas as ciências à matemática, (Beysade: 1972:71) preveniu-o quanto à “sua responsabilidade como cristão e sua obrigação de empregá-lo na missão apologetica de demonstrar irrefutavelmente as verdades fundamentais da religião cristã, a existência de Deus e a imortalidade da alma, contra os libertinos”.( Fraile:1966:491)*

*Descartes aceitou a encomenda depois que ambos estiveram numa conferência com o Núncio Papal, na Paris de 1627 (Beysade: 1972:14) e anunciou que resolvera ouvir conselho eclesial para aplicar-se a uma reforma da filosofia; assim como quem telegrafasse a interessados: “Negociação bem sucedida” vg “acordo fechado” Pt. Pois, já se contava eleito para aquela missão desde oito anos antes, quando sua noite de 10 para 11 de novembro de 1619 teria sido invadida por poderes divinos (Huisman: 1989: 8) e seu sono “atravessado por três sonhos sucessivos cujas imagens ele próprio interpretara como símbolos da iluminação que recebera e, ao mesmo tempo, como indicação da missão a que deveria consagrar sua vida. Essa missão era a de unificar todos os conhecimentos humanos a partir de bases seguras, construindo um edifício plenamente iluminado pela verdade e, por isso mesmo, todo feito de certezas racionais”.(Lebrun: 1987: I: VII)Ali, cada uma das ciências particulares teria seus compartimentos próprios e especificados, cabendo privilégio de cobertura à Moral: – correspondente a mais alta expressão da Verdade Absoluta que haveria de iluminar tudo. Em “Princípios da Filosofia”, não sobrou qualquer dúvida a esse respeito, com Descartes mudando de metáfora, para marcar determinações doutrinárias relativas à hierarquia dos conhecimentos, consoante aos interesses místicos, ao asseverar que: “Desse modo, toda Filosofia é como uma árvore, cujas raízes são compostas pela Metafísica, o tronco pela Física e os ramos que saem deste tronco, formam todas as demais ciências que, por fim, se reduzem a três principais: a Medicina, a Mecânica e a Moral, entendendo eu por Moral a mais alta e perfeita, a que, pressupondo cabal conhecimento das*

***demais ciências, constitui o derradeiro grau da sabedoria***”.(Descartes: 1968:40)

*Tratava-se, pois, de um presente de grego tipo cavalo-de-tróia com que se buscava engendrar “uma contra-revolução dentro da revolução” (Huisman: 1989:21) desencadeada pelas observações telescópicas ou experimentações de Galileu e Kepler, (Russel: 1977:22) mediante filtragem do conhecimento científico pela moral religiosa. Atendia àquilo para que a Confraria Rosa Cruz, com seu misticismo racionalista radical vinha convocando os eruditos da Europa, pelos manifestos inaugurais de 1614 e 1615: Fama Fraternitatis e Confessio, respectivamente. (Yates: 1972:51/72) Dois panfletos que nos deixam ver seus autores nas pontas dos pés, tal como acontecia também aos homens da Companhia de Jesus em seu platonismo extremo: nada menos hermético. Aliás, “As influências esotéricas da renascença, ocultas sob a instituição da Ordem Jesuíta, ainda não foram satisfatoriamente estudadas. Ela prevaleceu-se muito da tradição hermética, ao apelar para os protestantes e para outros inúmeros credos que encontrou em sua obra missionária”.*(Yates: 1972:288)

*Ambas as ordens, de qualquer modo, buscavam restabelecer o império do conhecimento metafísico, em que uma Verdade Absoluta deveria reinar sobre todas as demais: – submetendo-as sem lhes dever satisfações, à maneira do monarca em seu trono; e a proposta cartesiana aparecia como luvas sob medidas para as mãos de uma ou de outra. Porém, o projeto continha imperícias epistemológicas suficientes para comprometê-lo precisamente desde os alicerces, mais do que o Pálace II e outras construções da empresa do Deputado Sérgio Naya, conforme a mídia recente. “Descartes deduziu sete leis de colisão e garantiu que a demonstração delas era tão certa que, se a experiência parecesse provar o contrário”, seríamos obrigados a confiar mais em nossa razão do que em nossos sentidos “. Infelizmente, seis das suas sete leis, bem como sua versão da lei fundamental, resultaram serem falsas”.*(Hooykaas: 1988:66) *Foi o que aconteceu ao tal edifício “todo feito de certe-zas racionais”, no que se destinava ao lugar da Física de Galileu e outros homens do conhecimento experimental. (Fraile: 1966:553) A engenharia cartesiana concebera a possibilidade de liberar à matemática de sua imbricação com os acontecimentos empíricos, travestindo-a em ciência pura, ainda supostamente suficiente para ir ao esclarecimento de todos os fenômenos naturais. (Burt: 1991:89) “Para Descartes, a Física seria, pois, uma ciência dedutiva: não se partiria da experimentação ou da observação da*

*natureza, mas da idéia de Deus e das matemáticas, desde as quais se deduziriam as verdades da Física. (Huisman: 1989:81)”.*

*O desmoronamento ficava tão garantido (Hooykaas: 1988: 67) quanto o tombo para quem se pusesse no alto de uma árvore a serrar o ramo de apóio entre si e o tronco, num ponto qualquer. Feliz de alguma maneira foi o prelado que se empolgara pelo empreendimento, comprando cobertura na planta sem pestanejar e que, falecendo em 1629, escapou de ver as conseqüências do belo negócio que fizera. Mas, o empreendedor contava com o concurso de muitos investidores, inclusive de outro jesuíta tão bem sucedido e influente quanto Bérulle, apostando tudo em que carteios conseguiria erigir seu prédio: dependurando-o nas nuvens. (Fraile: 1966:557)*

**“Paris era também a cidade do Padre Mersenne, surpreendente jesuíta para quem as matemáticas” conduziram o entendimento à verdade “e” o transportariam para a contemplação das coisas abstratas, intelectuais e deteve “; animador infatigável em torno do qual se reuniam, na praça Real de Paris (atual *Place des vosges*), todos os espíritos inflamados e engajados, ao mesmo tempo, na luta contra a libertinagem erudita e o ateísmo proteiforme que ameaçava a religião. Marin Mersenne acolheu Descartes e tornou-se seu amigo, compartilhando de suas preocupações e estimulando-o em seu trabalho”.** (Huisman: 1989:9)

*Esse homem incansável da Ordem dos Mínimos fazia meio-de-campo para o Santo Ofício, (Fraile: 1966:559) trocava correspondências com mais de cento e cinqüenta intelectuais desde Europa até Constantinopla, (Beyssade: 1072:14) e iria caprichar em lançamentos precisos para seu ponteiro avançado, correndo sempre pela direita nas Províncias Unidas. (Huisman: 1989:10) Seu protegido se atrapalhava com a geometria da esfera, perdia-se pela linha-de-fundo; mas interesses dos dirigentes o fizeram Garrincha, naquela copa em que a FIFA jamais deixou de ser instrumento a serviço dos cartolas do misticismo. Guilherme Fraile, certo Armando Nogueira da Filosofia, mostrou aos boleiros que o moço estava tonto em campo (Fraile: 1966:543) e comprovou que sua célebre jogada fundamental não trazia nada de novo:*

**“Descartes não foi original ao tomar o cogito como fato de consciência primário, certo e indubitável. Outros muitos**

**pensadores antes dele já o haviam considerado em fórmula idêntica: Aristóteles, Santo Agostinho, Santo Anselmo, Santo Tomás, Escoto Eriúgena, Enrique de Auxerre, João de Salisbury, Hugo de São Vítor, Escoto. E em seu tempo, Francisco Sanches, Gomes Pereira, Campanella, Guilermo de Vair, Athanasio Rhetor, P. Sirmond, P. Silhon, La Mothe-le-Vaiyer.” (Fraile: 1966:508/9).**

*Ele penas redescobria a pólvora e pensava fazer grandes achados, porque sua inteligência filosófica era curta, suficiente só para “uma contribuição muito aquém de modesta;” (Fraile: 1966:543) apesar do orgulho e pretensão visíveis com que se postava por detrás das cortinas de humildade e reverências, como os filósofos do pórtico pintado. Aliás, o cartesianismo conquistaria alcances muito superiores aos que permitiam as limitações intelectuais do seu protagonista porque, propriamente, não avançava além de simples “new look” para o velho hegemônico estóico, uma vez que “a ética estóica deve ter permanecido viva não só até o fim da Antigüidade, mas durante toda a Idade Média, Renascimento e tempos modernos; os filósofos estóicos serão traduzidos ou lidos em todas as escolas; Montaigne, Descartes e Pascal serão impregnados do seu pensamento.” (Brun: 1986:27).*

*Como France Farago também observou na sua preciosa edição crítica do “Discours de la Méthode”, esse foi um dos aspectos marcantes na formação cartesiana desde os tempos de colégio em França, seduzindo-o para o propósito corrente de compatibilizar as morais estóica e cristã. Era movimento que procedia do século anterior: – na Itália, com o humanista e físico Telésio, bem como, com o médico, matemático e filósofo Cardan; – na Espanha, com o humanista e cristão platônico Louis Vivès; – na França, com Montaigne perseguindo novas formas para a velha doutrina ou com seu amigo Pierre Charron, mais preocupado no plano teórico e, sobretudo, com Guillaume Du Vair. Pretendia-se que “A luz da natureza, tão cara aos estóicos romanos, fosse adotada como fundamento comum e considerado suficiente para sustentar aliança das doutrinas estóica e cristã, proporcionando nova conciliação da Filosofia com a Teologia.” (Farago: 1071:17).*

*A efervescência maior desse chamado “estoicismo cristão”, entretanto, aconteceu na Holanda, onde: Gerard Voss ocupou-se com a Teologia; Sciappius com a moral estóica; e, principalmente, Juste Liasse a*



partir de 1585, publicou vários estudos. (Farago: 1971:17) Foi também nas plagas holandesas que o movimento Rosa Cruz gozou de vigor considerável, havendo inclusive processo junto à Corte de Justiça da província de Holland: que se limitou a considerar “os membros da ordem à beira da insanidade”. Acontecimento que, porém, não constituiu impedimento para que Peter Mormius, na Leyden de 1630, “publicasse um livro intitulado *Arcana Totius Naturae Secretissima (Os Segredos Inteiros da Natureza)*, que supostamente revelara segredos rosacrucianistas. De acordo com Mormius, a ordem não se interessava por outra coisa senão alquimia, Medicina Universal e o segredo do motor contínuo”. (Mcintoch: 1987:72) Descartes se encontrava por lá, aonde permaneceria por vinte anos desde 1628, e aproveitou a deixa de Mormius para formular sua “doutrina da criação contínua”: —fazendo de Deus aquele tal “moto-perpétuo”. Como se sabe, empreendeu uma série de raciocínios descartando tudo que conseguisse pôr em dúvida, até esbarrar numa verdade impassível de suspeição, qual seja: aquela de que pensava, mesmo no caso de enganar-se. Chegava ao seu referido “cogito” e se considerava “mutatis mutandi” na posse da “pedra filosofal” da alquimia: “Conclui que enquanto pensava que tudo seria falso cumpria necessariamente que eu que o pensava fosse alguma coisa; e, notando que esta verdade: “penso logo existo”, seria tão firme e segura que todas as mais extravagantes suposições dos céticos não a conseguiriam abalar, decidi aceitá-la, sem escrúpulo, para primeiro princípio da filosofia que eu procurava.” (Descartes: 1971:65).

Era apenas um “*primum cónito*”(Fraile: 1966:514) ou constatação inicial convocando para investigações posteriores. Mas, ignorando-se sujeito daquela empresa pessoal sua, como Sartre demonstrou; (Sartre: 1978:73) carteios se considerou diante de um Ego-transcendental: anterior e possibilitador dos próprios raciocínios particulares que fizeram caminho até ele ou, sem os quais, nunca o teríamos posto. Saltou sem mais nem menos de pensamento para coisa-pensante, (Fraile: 1966:523/4) fazendo a absolutização do cogito reflexivo, como ponto de partida para qualquer pensamento verdadeiro. Nem se deu conta de que isto invalidava todas as suas próprias reflexões precedentes ou conducentes ao mesmo cogito, dadas por tão rigorosas, apesar de não poderem fazer recurso a ele, — que não estava posto ainda em todo o percurso da dúvida metódica, com a conseqüente desqualificação dos sentidos. Entrou outra vez naquela de quem serrasse o ramo de árvore em que se sentara, num ponto qualquer entre si e o tronco, desabando também

com sua **Metafísica Racionalista** que, precisamente, deveria sustentar sua pretensa **Física Dedutiva**. Nietzsche viu isso com muita lucidez:

**“Dado que pensamos, há alguma coisa pensante: propõe-nos Descartes em sua argumentação, valendo-se do cogito. Mas, ele supôs nossa crença na substância como verdade à priori. – Laborou em análise sintática: onde se busca um agente para a ação expressa no predicado; e anunciou um postulado lógico-metafísico, ao invés de se conter nos limites da constatação feita. Em consequência, seu caminho reflexivo nos conduz somente a uma crença radical; jamais a uma verdade absoluta.”** (Wille zur Macht, § 260 ou Nietzsche: 1903: II: 7).

*O método cartesiano, portanto, não fora tão rigoroso quanto parecia, seu cogito não tinha a pureza impessoal que se lhe conferiu, (Sartre: 1965:73) nem lhe proporcionou o que ele sonhara ter encontrado. Ao fim, seu “inventum mirabile”, desdobrando para o tal “edifício plenamente iluminado pela verdade e, por isso, todo feito de certezas racionais”, (Lebrun: 1987: I: VII) não passava de uma engenharia desastrosa condenando tudo a um desmoronamento colossal desde as raízes ou alicerces: – como se de farelo feito fosse. Mas os investidores, dominando o mercado das idéias, subsumiram a catástrofe na validação social e acadêmica: – prejuízos levados a débito na conta do bem-estar humano, para todos os efeitos e até nossos dias.*

*No século dezessete a coisa ocorreu assim. Aos vinte e dois de junho de 1633, no Convento de Minerva em Roma, por sentença e na presença dos “Inquisidores Gerais da República Cristã Universal”, Galileu Galilei teve de abjurar sua constatação experimental de que a terra se moveria e não seria o centro do mundo. (Russel: 1977:29/30) Apenas quatro anos depois, na Holanda de 1637, o “Discours de la Méthode pour bien conduire sa Raison et chercher la verité dans les sciences”, tinha sua edição original em Francês: – ostentando na capa um sintomático “Avec Privilege”. Foi, então, que René Descartes subiu ao palco para anunciar-se, ele próprio, realização do Racionalismo e do Sábio estóicos: “Compreendi que eu era uma substância cuja essência ou natureza consiste apenas no pensar e que, para ser quem sou, não necessito de nenhum lugar nem dependo de qualquer condição material. Porque a alma em que consiste meu ser é absolutamente distinta do corpo e jamais deixaria de ser tudo que ela é, mesmo sem ele.”(Descartes: 1971: 66).*

*Pareceria termos em cena um piedoso homem, aspecto de que não cabe duvidar, simplesmente confessando crença na sua dimensão espiritual e coisas do gênero. Mas, acontece que os conceitos envolvidos naquela fala não guardam mais nada da acepção que lhes seria própria no espiritualismo, quer daquela época quer dos nossos dias, posto que “Descartes sustenta a tese materialista”, segundo os próprios senhores dessa doutrina: Marx e Engels. (Rosental e Iudin: 1959:129) A alma ali se reduz a pensamento, sua essência; (Fraile: 1966:515) vem a ser tecnicamente “Res-cogitans”, isto é: substância pensante, coisa que pensa, (Huisman: 1989:56) ou, dá no mesmo: **coisa -pensamento**. Pois, “**Descartes, nas Segundas Respostas, declara que preferiu mens a anima no texto latino. Mens designa apenas o entendimento. Neste parágrafo Descartes insiste na substancialidade da alma como puro pensamento, heterogênea à substância do corpo, mas estabelece também a natureza puramente intelectual da alma.**” (Lebrun: 1987: I: 47).*

*Outra impressão inicial que aquela fala nos traz é a de que estaria sendo concedido status máximo ao homem, que passaria à condição de sujeito dos seus pensamentos, suas emoções, suas escolhas, sua história, seu ser afinal. Mas, esses privilégios não sobraram nem para Deus: – concebido em Descartes também como “uma-coisa-que-pensa”, (Fraile: 1966:523) tanto quanto nós aparelho pensante: – com a única diferença de mover-se por seu próprio dínamo e, por isso, reconhecido “ens causa sui” ou “Res-infinita”. Também não restou algo melhor para a natureza física, “Res-extensa” que, para objetivar-se em seus variados fenômenos, necessitaria estar plugada àquele moto-contínuo de Mormius tanto quanto nós para pensarmos: condição absoluta para existirmos ou sermos quem somos, vale lembrar.*

*Voltamos “ipsis literis virgulisque” aos “Contes de ma mère l’oye” dos anos 300aC., Com aquele mundo racionalmente perfeito e tudo providenciado para nossa realização de “sábios estóicos” queiramos ou não: destinos sentenciados pela Cleópatra oitava em seu “judicium praeivium”. A serpente Uroburos reapareceu mordendo sua calda para representar o decenário pitagórico (Santos:1963:VI:189) feito circularidade do idealismo sempre hermenêutico. (Garaudy:1971:102) O ilusionista hegeliano também retornou ao palco com seu títere, porque nessa máquina de idéias (Fraile:1966:523) que veio a ser o mecanicismo cartesiano, “**não somos atores, mas somente espectadores impedidos de ver as coisas como tais: já que o conhecimento resultaria da atuação da***

**“Res-infinita” em nós e nos acontecimentos do mundo transcendente ou objetivo, ao mesmo tempo.” (Fraile:1966:549)** Assim, não teríamos nem sujeito cognoscente nem objeto cognoscível propriamente: – duas coisas impossíveis para o racionalismo antigo ou moderno, sem uma instância da Razão instalada em nós e, ao mesmo tempo, na Natureza, submetendo às mesmas leis os nossos pensamento e os fenômenos físicos. O conhecimento verdadeiro deveria resultar mecanicamente da correspondência entre aquelas duas ocorrências transnaturais ou divinas: sob curatela da Perfeição de Deus, em termos cartesianos. (Descartes: 1971:73) Porque, obviamente, com a “identificação ontológica de alma e pensamento, o homem ficou reduzido à visada de si ou “consciência sui.” (Fraile:1966:520)”.

*Acabamos condenados à condição de simples torcida, num campeonato cujo vencedor sempre esteve designado “a priori” pelos cartolas da cultura. Ainda quando os avanços científicos ou tecnológicos do século passado e deste ameaçaram romper os alambrados abrindo-nos passagem ao campo, os chamados filósofos da ciência postaram-se em marcação corpo a corpo: – impedindo a saída de bola para quaisquer iniciativas conducentes a modificações na nossa concepção de homem e de mundo, desdobrantes dos novos conhecimentos científicos. Há pouco que um Bertrand Russel, para citar só um caso dos muitos, reeditou o mito da caverna platônica e revalidou a dúvida cartesiana:*

**“Suponhamos que você tivesse nascido surdo como uma pedra, tendo vivido entre músicos. Poderia, caso tivesse aprendido a falar e a ler a linguagem labial, entender que a partitura representava algo muito diferente dela em qualidade intrínseca, conquanto tivesse estrutura similar. O valor da música lhe seria inteiramente inimaginável, mas você poderia deduzir todas as suas características matemáticas, porquanto são as mesmas que as da partitura. Pois o nosso conhecimento da natureza é algo semelhante. Podemos ler a partitura da natureza e deduzir tanto quanto o conseguiria uma pessoa surda como uma pedra no tocante à música. Mas não temos a nosso favor a vantagem desfrutada pelo surdo, de seu contato com músicos. Não podemos saber se a música representada nas páginas é bonita ou hedionda; talvez não possamos, em última análise, estar bem certos de que a partitura represente algo**

**mais do que ela própria. Mas essa dúvida é do tipo que o físico não pode alimentar profissionalmente.”(Russel):(1963:219)**

*O autor vinha da exposição do seu “A B C da Relatividade”, edição atualizada para 1963, e cuidava das conseqüências filosóficas daquela Teoria, isto é: dos seus desdobramentos para nossa visão daquilo em que consistiria a Ciência, o Homem e o Mundo. Aí é que fomos convidados para entrar na idéia de que os físicos seriam como meninos travessos a investigar e intervir em fenômenos do mundo objetivo, sem nem estarem seguros de que se encontravam a brincar ou se ocupavam de coisas conseqüentes. Uma questão que para ele, Russel, somente estaria resolvida quando Ceópatra oitava realizasse seu “streeptease” ou “auto-expor-se” em equações matemáticas: – fora das quais nada mereceria reconhecimento científico, começando pelas ocorrências afetivas: “Sugiro que uma emoção que possa ser destruída por pequena dose de Matemática não seja nem muito autêntica nem muito valiosa.” (Russel:1963:218) E o pior é que esse obscurantismo epistemológico racionalista, metafísica estoica até as entranhas embora não se admita, não faz cúmplices apenas entre desavisados ou medíocres: gente a quem devemos extraordinária contribuição para as conquistas da Ciência em nosso século acabou vítima dele. Albert Einstein por exemplo, depois de expor “A Evolução da Física” a quatro mãos com Leopold Infeld, abdicou de todos os seus méritos de cientista em favor da Razão que, ao que nos fez entender, poderia ter escolhido qualquer bichano para formular a Teoria da Relatividade em lugar dele:*

**“Vimos novas realidades criadas pelo avanço da Física. Mas essa cadeia de criações pode ter sua história desde muito antes do ponto de vista da Física. Um dos conceitos mais primitivos é o de objeto. Os conceitos de árvore, cavalo, qualquer corpo material, são criações alcançadas com base na experiência, embora as impressões de que surgem sejam primitivas em comparação com o mundo dos fenômenos físicos. Um gato aborrecendo um rato também cria, pelo pensamento, a sua própria realidade primitiva. O fato de o gato reagir de maneira similar diante de todo rato com que depara mostra que ele forma conceitos e teorias que são o seu guia através de seu próprio mundo de impressões sensoriais. (Einstein e Infeld:1966:235)”.**

*A um passo disso, nossa Botânica poderia mesmo escorrer com o orvalho das folhas em misteriosas manhãs, a Astronomia descer dos céus com relâmpagos inscrevendo equações nas nuvens, lâmpadas de Aladim se acenderem na cabeça de quaisquer uns por toda parte. Nosso gênio da relatividade e homem decisivo para o Projeto Manhattan andou com efeito dando trelas demais aos chamados filósofos da ciência e caiu com eles no naturalismo racionalista. Embaralhou experiência, coisa pessoal; com experimento científico, empreendimento técnico. Por fim, confundiu gatos com cientistas, ele incluso, na falta de lebres. É o que nos ocorre a todos, quando não atentamos para o impasse cartesiano entre Razão e Ciência.*

\*  
\* \* \*  
\*

#### BIBLIOGRAFIA

1. - GUSDORF, Georges. Mythe et Métaphisique: tradução espanhola de Néstor Moreno ( Mito y Metafísica). Editorial Nova, Argentina, 1960, 287p.
2. - CASSIRER, Ernst. An Essay on Man: tradução brasileira de Vicente Felix de Queiroz ( Antrpologia Filosófica). Editora Mestre Jou, S.P., 1972, 378p.
3. - XAVIER, Raul. Tradução brasileira, Introdução, prefácio e notas de Os Upanichadas. Livros do Mundo Inteiro, Rio, 1972, 87p.
4. - ABBAGNANO, Nicola. Dizionario di Filosofia: tradução brasileira de Alfredo Bosi( Dicionário de Filosofia). Mestre Jou, S.P., 1970, 976p.
5. - FRAILE, Guillermo, O. P. Historia de la Filosofia, I (Grecia e Roma). La Editorial Catolica, S.A. Madrid, 1965, 852p.
6. - \_\_\_\_\_. Historia de la Filosofia, III (Del Humanismo a la Ilustración). La Editorial Catolica, S/A. Madrid, 1966, 1113p.
7. - MONDOLFO, Rodolfo. La Compreenson del Sujeito Humano en la Cultura Antiga. EUDEBA, Buenos Aires, 1968, 460p.
8. - HEGEL, G. W. F. Enciclopédia das Ciências Fofosóficas, 3 vls.: tradução brasileira de Lívio Xavier. Athena Editora, Rio de Janeiro, 1936, 560p.

9. - \_\_\_\_\_. Vorlesungen über die der Geschichte: tradução espanhola de José Gaos ( Lecciones sobre la filosofía de la História Universal). Revista de Occidente, 1974, 701p.
- 10.- HEIDEGGER, Martin. Sein und Zeit: tradução espanhola de José Gaos ( El Ser y el Tiempo). Fondo de Cultura Económica, México - Buenos Aires, 1951, 479p.
- 11.- \_\_\_\_\_. Über de Humanismos: tradução brasileira de Emmanuel Carneiro Leão ( Sobre o Humanismo). Tempo Brasileiro, Rio, 1967, 106p.
- 12.- PERLS, Fritz. The Gestalt Aproach & Eye Witness to Therapy: tradução brasileira de José Sanz ( Aabordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia). Zahar Editores, Rio, 1977, 210p.
- 13.- JASPERS, Karl. Wesen und Kritik der Psychotherapie: tradução argentina de Roberto Podestá ( Essencia y critica de la psicoterapia). Cia. General Fabril Editora, S/A. Buenos Aires, 1959, 88p.
- 14.- \_\_\_\_\_. Allgemeine Psychopatologie: tradução argentina de Roberto O. Saubidet y Diego A. Santillan ( Psicopatologia General). Editorial Bini & Cia, Buenos Aires, Volume I, 1950, 532p. E Volume II, 1951, 483p.
- 15.- BEAUVOIR, Simone. La Pensée de Droite, Aujourd'hui: tradução brasileira de Manuel Sarmento Barata (O Pensamento de Direita Hoje). Paz e Terra, Rio, 1972, 112p.
- 16.- ARISTÓTELES. A Ética. Tradução brasileira de Cássio Fonseca. Atena Editora, S.P., 1959, 178p.
- 17.- \_\_\_\_\_. METAFÍSICA. Tradução brasileira de Leonel Vallandro. Editora Globo, Porto Alegre, 1969, 311p.
- 18.- BRUN, Jean. Le Stoïcisme. Tradução portuguesa de João Amado (O Estoicismo). Edições 70, Lisboa, 1986, 116p.
- 19.- HUISMANN, Denis. Comentários ao Discurso do Método: tradução brasileira de Elza Moreira Marcelina (Descartes: Discurso do Método). UNB/Ática, S. P., 1989, 109p.
- 20.- GRANGER, Gilles-Gaston. Introdução à edição de René Descartes, in Os Pensadores. Nova Cultural, S. P., vl. 1, 1987, 154p.
- 21.- BURTT, Edwin A. The Metaphysical Foundations of Modern Science. Tradução brasileira de José Vegas Filho e Orlando Araújo Henriques (As Bases Metafísicas da Ciência Moderna). UNB, Brasília, 1991, 268p.
- 22.- LEBRUN, Gérard. Prefácio e notas para a edição de Descartes, in Os Pensadores. Nova Culural, S. P. 1987, vl. L, 154p.
- 23.- DESCARTES, René. Princípios da Filosofia. Tradução brasileira de Torrieri Guimarães. Hemus, S. P., 1968, 106p.

24. - \_\_\_\_\_. Discours de la Méthode. Librairie Marcel Didier, Paris, 1971, 128p.
25. - YATES, Frances A. The Rosicrucian Enlightenment. Tradução brasileira de Somara Cajado ( O Iluminismo Rosa-Cruz). Editor Pensamento, S. P., 1972, 320p.
26. - HOOYKAAS, R. Religion and the Rise of Modern Science. Tradução brasileira de Fernando Didimo Vieira ( A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna). Editora Polis/UNB, Brasília, 1988, 196p.
27. - FARAGO, France. Apresentação para Le Discours de la Méthode. Didier, Paris, 1971, 128p.
28. - McINTOSH, Christopher. The Rosy Cross Unveiled: The History, Mitology and Rtuals of an Occult Order. Tradução brasileira de Aydano Arruda (Os Mistérios da Rosa-Cruz). IBRASA, S. P., 1987, 170p.
29. - SARTRE, Jean-Paul. La Transcendence de L'Ego. J. Vrin, Paris, 1965, impressão de 1978, 134p.
30. - \_\_\_\_\_. Esquisse d'une Théorie des Emotions. Tradução brasileira de Fernando de Castro Ferro (Esboço de uma Teoria das Emoções). Zahar Editores, Rio, 1965, 85p.
31. - \_\_\_\_\_. L'être et le néant. Tradução brasileira de.....p.
32. - NIETZSCHE, Frédéric. Wille zur Macht. Tradução francesa de Henri Albert (La Volonté de Puissance). Mercvre de France, Paris, 1903, vl.1, 350p. e vl. 2, 318p.
33. - RUSSEL, Bertrand. The A B C of Relativity. Tradução brsileira de Glasone rebuá ( A B C da Relatividade ). Zahar Editores, Rio, 1963, 221p.
34. - \_\_\_\_\_. The Scientific Outlook. Tradução brasileira de José Severo de Camargo Pereira ( A Perspectiva Científica). Cia. Nacional, S.P., 1977, 207p.
35. - EINSTEIN et INFEL, Albert et Leopold. The Evolution of Physics. Tradução brasileira de Glasone Rebuá ( A Evolução da Física). Zahar Editores, Rio, 1966, 237p.
36. - BEYSSADE, Michelle. Descartes. Tradução portuguesa de Fernanda Figueira ( Descartes). Edições 70, Lisboa, 1972, 129p.
37. - SCIACCA, Michele Frederico. La Filosofia nel suo sviluppo storico. Tradução brasileira de Luis Washington Vita ( História da Filosofia). Mestre Jou, S. P., 1966, vl. 2, 205p.
38. - GARAUDY, Roger. La Pensée de Hegel. Tradução brasileira de Maria Tacke ( O Pensamento de Hegel). Moraes Editores, S.P., 1971, 206p



39. - ROSENTAL et IUDIN, M. E P. Tradução brasileira de Guarani Gallo e Rudy Margherito: Pequeno Dicionário Filosófico. Exposição do Livro, S.P., 1959, 602p.
40. - SANTOS, M. Ferreira. Tratado de Simbólica. Logos Ltda, S.P., 1963, 250p.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.